

Sanitização comunitária, articulações e trocas de conhecimentos para 'cuidar dos nossos': Entrevista com Thiago Firmino, liderança da favela Santa Marta, Rio de Janeiro

Palloma Valle Menezes

Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil

Apoena Dias Mano¹

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Dedicamos esta publicação a Machado da Silva e Mestre Riquinho, figuras importantes e queridas que vão deixar saudades em seus campos de atuação e convivência.

Em 20 de março de 2020, o governo brasileiro decretou estado de calamidade pública federal devido à situação de emergência global por conta da pandemia de Covid-19. Inicialmente as recomendações oficiais para lidar com o novo coronavírus estavam muito mais voltadas para as classes médias e altas e não levavam em consideração o contexto e as condições materiais em que sobrevive a maior parte da população brasileira. Preocupados com os efeitos das contraditórias formas de governo e estratégias de controle propostas pelos órgãos oficiais, moradores de favelas e periferias do país começaram a se organizar para tentar lidar com os efeitos da pandemia em seus territórios de moradia, uma vez que já previam que qualquer tipo de apoio governamental demoraria ou sequer chegaria nas áreas e camadas mais pobres.

No Rio de Janeiro, moradores de diversas favelas rapidamente começaram a organizar iniciativas e ações em frentes diversas: garantia da subsistência, segurança alimentar, comunicação comunitária, prevenção local, mapeamento e produção de dados sobre incidência e mortalidade, críticas ao poder público e produção de planos comunitários de ação. Essas ações contaram com variadas formas de articulação, formalização, abrangência e visibilidade, bem como como experiências prévias dessas organizações comunitárias. Segundo Fleury e Menezes (no prelo), é possível dizer que elas variam em um contínuo de acordo com as formas de organização: a) frentes e gabinetes de crise (bastante estruturados e articulados); b) ações múltiplas, mas não unificadas no mesmo território; e c) ações pontuais e menos institucionalizadas.

No Santa Marta, favela situada na Zona Sul do Rio de Janeiro, múltiplas ações complementares surgiram desde o início da pandemia. A Associação de Moradores tomou a frente da organização de doações de cestas básicas para a população. O Grupo Eco², uma tradicional instituição da favela, assumiu o compromisso de ajudar 50 famílias com alimentos e valores em espécie para a compra de gás ou de qualquer outra urgência, além de publicar materiais informativos em suas redes sociais e de ter criado uma rede de teleatendimento para consultas médicas a moradores sintomáticos. Ademais, o grupo vem levantando dados e

produzindo importantes relatórios com os índices de contaminação da pandemia. Um dos relatórios³ divulgados pela instituição mostra que de fevereiro a junho de 2020 foram identificadas dez pessoas que morreram de qualquer causa possível na favela. Entre elas, cinco morreram em decorrência da Covid-19 — como foi o caso de Mestre Riquinho, líder do tradicional grupo de Folia de Reis Penitentes do Santa Marta⁴.

Moradores especulam que o número de mortes poderia ter sido ainda maior se em 5 de abril dois irmãos moradores do Santa Marta, Thiago e Tandy Firmino, não tivessem começado uma inovadora ação de sanitização em todo o território da favela. Preocupados com os riscos de doença e morte potencialmente ocasionados pelo avanço da Covid-19, eles reuniram voluntários e uma gama de informações técnicas para dar início a uma agenda periódica de lavagem das ruas, becos e vielas da favela. Em pouco tempo, a ação de sanitização da favela Santa Marta ganhou destaque nas redes sociais, em matérias jornalísticas e até em capas de jornais nacionais e internacionais⁵. A iniciativa só foi possível porque Thiago Firmino associou suas experiências acumuladas: contando com uma longa trajetória de ativismo e atuação em diversas organizações comunitárias, além de ser guia de turismo e empreendedor, o morador conseguiu articular variadas formas de contatos e colaborações para estruturar, viabilizar e divulgar a ação.

A partir dessa experiência, é possível observar como diferentes capacidades, interesses e interlocuções se articulam no exercício de um capital de rede (URRY, 2012), em que se manifestam formas de ação baseadas em capacidades de gerar, sustentar, coordenar e instrumentalizar relações a partir do desenvolvimento de conectividades e contatos. No caso de Thiago, esse capital de rede envolve contatos que o morador já tinha dentro e fora da favela, além do produtivo uso de novas tecnologias de comunicação.

A conectividade com a população da favela foi sustentada não só pela capacidade de Thiago de promover interações face a face (que se tornaram bem mais limitadas durante a quarentena), mas principalmente pelo fato de o morador administrar a iniciativa Alerta Santa Marta. Funcionando desde novembro de 2018, o coletivo de grupos de WhatsApp já alcançou cerca de 700 moradores e se tornou uma ferramenta de comunicação essencial que integra a população local em múltiplos eixos entre o cotidiano e o político, envolvendo: a) partilha de imagens, relatos e denúncias relacionadas a tiroteios e abusos policiais; b) reivindicações por serviços básicos, como a distribuição de água, eletricidade etc.; c) organização de reuniões com representantes de serviços públicos, como a própria Polícia Militar; e d) convocação de protestos e manifestações em vias públicas (MANO, 2020). Durante a pandemia, a existência desse espaço de debate e organização a partir do WhatsApp e o forte engajamento da população por meio dele foi fundamental para Thiago conseguir voluntários para atuarem na sanitização e conquistar o apoio dos moradores em relação à ação.

Os contatos que Thiago já tinha fora da favela também foram essenciais para a organização da ação de sanitização. Em um momento de distanciamento físico, foi por meio de suas redes de contato que a liderança conseguiu: a) reunir recursos materiais (a partir de doações para compras de equipamentos e materiais de limpeza); b) reunir e adaptar conhecimentos técnicos para desenvolver a sanitização (a partir de recomendações de especialistas sobre as substâncias

apropriadas para uma limpeza eficaz e as técnicas que deveriam ser usadas para dissolução e aplicação dos produtos); c) divulgar amplamente a ação comunitária no âmbito nacional e internacional (a partir da atuação da liderança como colaborador do RJTV da Rede Globo e dos contatos que já tinha com jornalistas do mundo todo, que visitaram o Santa Marta em diferentes momentos para produzir matérias sobre temas diversos).

A rede de contatos que Thiago já tinha possibilitou, ainda, que ele estabelecesse interlocuções para compartilhar a experiência de sanitização com moradores de várias outras favelas. Entre conexões e mediações transversais e extraterritoriais estabelecidas pelas “(micro)políticas da vida em tempos de urgência” (GRUPO DE PESQUISA CIDADE E TRABALHO, 2020), lideranças comunitárias de favelas do Rio de Janeiro e de outras periferias do Brasil passaram a dialogar em busca de informações para realizar ações de mitigação e sanitização em benefício de suas comunidades. Práticas e conhecimentos sobre a sanitização chegaram até Providência, Pavão-Pavãozinho, Chapéu Mangueira, Tabajaras e até mesmo à periferia do Espírito Santo. A partir dessas interlocuções, foi criada a Rede Autônoma de Sanitizadores de Favela para executar mutirões e ações conjuntas, compartilhando equipamentos, saberes e tecnologias.

Além disso, diversas outras parcerias externas surgiram após a repercussão da sanitização no Santa Marta. Entre elas, a organização conjunta com cientistas sociais de uma pesquisa autônoma sobre sintomas e condições de prevenção à Covid-19 por meio de questionários distribuídos periodicamente no Alerta Santa Marta⁶. Posteriormente, Thiago entrou em contato com o Laboratório de Radioecologia e Mudanças Globais, do Departamento de Biofísica e Biometria da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), para levar ao Santa Marta o CoronaTrack⁷, um aparelho de medição de partículas do coronavírus no ar. Mais recentemente, Thiago procurou a equipe da iniciativa Dados do Bem, que se dispôs a fazer um mutirão de testes para analisar o comportamento da pandemia na favela.

Outro pertinente desdobramento da ação de sanitização é a repercussão da denúncia relacionada ao abandono das autoridades públicas de populações que necessitam de suporte devido às desigualdades socioespaciais. Desde o início das atividades, canais da mídia nacional e internacional veicularam imagens e depoimentos figurativos de mais um exemplo no histórico da cidade onde a presença seletiva do Estado leva habitantes de periferias urbanas a buscar soluções de sobrevivência por conta própria — expressando formas de governo dos pobres em zonas cinzentas de desvalorização sobre determinados territórios, corpos e formas de vida (LEITE, 2020). É frequente que os irmãos repitam suas motivações em entrevistas e relatos: “A gente não recebeu nenhuma ajuda do poder público, então resolvemos sanitizar a favela com o objetivo de cuidar dos nossos!”.

Na entrevista que se segue, ocorrida em 14 de julho de 2020, Thiago relata suas experiências e impressões do combate à Covid-19 na favela Santa Marta. Numa cronologia pessoal que se entrelaça com a história da favela, ele apresenta reflexões desde os momentos anteriores à chegada da pandemia até suas expectativas para o futuro. Transitando entre o envolvimento em projetos sociais e o trabalho como guia de turismo, ou desde o seu

envolvimento na rádio comunitária até a criação do conjunto de grupos de WhatsApp para a comunicação entre os moradores, seus relatos expressam que a constituição e preservação de redes de contatos em sua trajetória foi determinante para a possibilidade de implementar ações rápidas e eficientes no combate às desigualdades expressas pela pandemia.

Assim como lideranças mais tradicionais de favelas, Thiago pode ser pensado como parte de uma “burguesia favelada” (MACHADO DA SILVA, 2011) por suas articulações entre “local e supralocal” (LEEDS e LEEDS, 1978). Contudo, diferentemente dessas concepções mais tradicionais de liderança, ele não faz parte da Associação de Moradores e não está ligado atualmente a alguma instituição formal da favela. Assim como muitas novas e jovens lideranças de favelas cariocas, Thiago atua de forma menos institucionalizada, articulando experiências e conhecimentos de sua trajetória pessoal e profissional a partir de iniciativas autônomas que entrelaçam projetos sociais, empreendedorismo e ativismo político. Um dos objetivos desta entrevista é ajudar a compreender, a partir de Thiago, um pouco mais sobre esse perfil de atuação de novas lideranças que vêm ganhando destaque na vida associativa das favelas cariocas nos últimos anos e que conquistaram uma relevância ainda maior no contexto da pandemia.

Thiago, sabemos que você já trabalhou na favela como produtor cultural, como guia de turismo e agora está atuando no combate à pandemia. Você pode nos contar como a história do Santa Marta se entrelaça com a sua própria história?

A primeira coisa que eu te pergunto é: você tem tempo? Porque é muita história. Vou contar numa passagem rápida, bem simplória mesmo. Minha família inteira sempre foi envolvida na parte cultural da favela. Sempre teve essa pegada de cultural, de social, sempre. Particpei da sociedade João XXIII; de 13 a 19 anos eu fui do Grupo ECO — eu fui coloninho e depois fui instrutor. A ONG me deu uma formação muito boa. Todo domingo se reunir e fazer atividade social. Saber dizer “não” e toda essa coisa de comunidade também ajudou muito. Passei por ONGs e depois fiquei mais na parte cultural. Tenho minha história no Santa Marta mais envolvida com a dança de salão. (...) Particpei do Olhares do Morro, um projeto de fotografia. Sempre gostamos de fotografia. A gente também participou do TV Favela. Então, a gente tinha [?] registrado foto e vídeo e a história da favela — o dia a dia, a comida, a cultura típica —, tudo a gente registrava. E tinha um canal que a gente passava toda terça, quarta e sábado na favela. Seguimos de lá para cá. A Rádio Comunitária foi outra iniciativa que eu também participei por conta da questão da música e da cultura. São muitos projetos. Entre eles, tudo que eu aprendia, eu tinha objetivo também de passar conhecimento. Tudo que eu alcançava fora eu sempre puxava o morro, que vinha como minha mochila, né? Eu dava um passo em algum lugar e eu trazia o morro.

Depois, foi em 2007 quando comecei a trabalhar com turismo. Comecei fazendo trilha. Quando 2008 entrou, eu fazia trilhas uma vez por mês e levava 50 pessoas lá para cima do Mirante Dona Marta. Até que entrou a UPP [*Unidade de Polícia Pacificadora*]. No início, a gente parou um pouco no mês de dezembro. Não sabia o que ia acontecer. E aí nos primeiros dias de

janeiro, inaugurou. Entrou janeiro e teve toda aquela divulgação da UPP. Depois saiu daquela parte só policial e todo mundo ficou dizendo “vou conhecer o morro”. Eu já fazia umas trilhazinhas e começou muita, muita gente a se aproximar. E depois começou a circular ideias de fazer o turismo de base comunitária, da gente trazer um projeto. O pessoal também tinha interesse, a gente também tinha interesse em fazer uma atividade maior.

Então, tudo juntou. A ideia também de ser guia e sempre trazer parceiros, sempre trazer coisas para a favela. Com a dança de salão lá atrás eu aprendi a trazer pro pessoal do morro, e o pessoal do morro aprendeu. Então sempre tive essa coisa de trazer benefício pro morro. Era meio que ir lá na rua buscar. Se você não tinha como buscar, eu levava o pessoal. Entendeu? Então eu fui, e já tinha essas ideias. E fui trabalhando com turismo. Graças a Deus, ao trabalhar com turismo dentro da favela eu tenho um pouco mais de liberdade no meu tempo. Sou empreendedor, então se eu precisar pra fazer alguma coisa eu posso parar, posso não sei o que... E aí fui, fui, fui caminhando. Então a gente sempre foi articulando isso até chegar o Covid.

E como essas experiências com ONGs, projetos sociais e o turismo na favela se convertem na criação dos grupos de WhatsApp Alerta Santa Marta? Como começou? De que maneira funciona?

Criamos o grupo Alerta Santa Marta porque uma coisa é eu ficar sempre na linha de frente, outra coisa é você ter um grupo, ter uma galera pra discutir. Na verdade, a criação do grupo sanou uma grande problemática comunitária da gente, que era a questão da comunicação, né? Os guias de turismo andam muito mais do que as outras pessoas pelo morro. Então a gente fica sabendo de muita coisa assim. Por eu ter essa de andar sempre pela comunidade, de estar ali sempre envolvido, participar, cobrar isso e aquilo, eu fico sempre criticando. E nisso facilitou também a questão do turismo — da gente contar a história da favela e ouvir também. E ser barrado nos caminhos foi um pouco disso: “Olha, Thiago, tá rolando problema, isso e aquilo, e ninguém resolve!”. Então o que eu fazia pra resolver era meio formiguinha, bem discreto, e muita gente as vezes não sabia. Ou tinha gente que também não me conhecia, que era nova e estava chegando na favela. Então a gente tinha que unir muito mais forças e mais gente. Eu pensei: “Cara, o que eu vou fazer? Eu preciso de mais ajuda e preciso de mais pessoas. Preciso que as pessoas saibam do que tá acontecendo na favela”. E primeiro eu até pensei em fazer *lives* das reuniões que rolavam dos moradores com a UPP. Depois eu pensei: “Eu vou jogar isso no Facebook com problemas nossos? Não, isso não vai dar certo”.

E saiu assim. A gente montou o grupo para tentar unir e aconteceu também muito das questões de matérias em jornais, da gente precisar cobrar por problemas no morro e procurar pessoas para matérias. Eu podia enviar uma mensagem no grupo: “Cadê a galera pra matéria? A gente precisa de gente pra poder cobrar, pra falar da falta de água!”. Eu não podia ficar pegando só os meus vizinhos a vida inteira. Eu tinha que ficar rodando. Eu precisava de mais gente, então o grupo ajudou muito. A gente foi montando, e um, dois e três grupos encheram rápido.

O contexto do grupo é os moradores poderem se ajudar de forma geral. Já achamos cachorro perdido (coisa que não ia achar), já achamos criança que se perdeu, já reunimos gente que não se via há mais de 50 anos. Já encontramos gente perdida do norte do país que achou a família aqui. Além disso, a gente consegue gravar as matérias para a mídia, e todo mundo mandando vídeo pelo WhatsApp mesmo. O vídeo já chegar, você já enviar para os jornalistas e a matéria já entrar no ar sem ninguém precisar sair de casa. Uma coisa revolucionária, sabe? Bem, é muita coisa que eu não estou lembrando, mas vocês que participam realmente e acompanham ali, vocês sabem o quanto que ajuda pra gente.

Hoje o morro está mais tranquilo por conta da problemática da violência por causa do grupo. Não é um trabalho só meu. É do grupo que a gente conseguiu mobilizar. Tá invadindo casa de morador? Filma. Mandaram vídeo de que o cara estava na laje de morador e a gente cobrou. Cobrou aquela mulher que ficava esculachando morador, que entrava na casa dos outros. Eu falei “grava escondido”; o morador pegou celular, gravou escondido e a gente botou na televisão também. Quer dizer, apertou muito a UPP. As reuniões eram assim históricas; a reunião da UPP, a gente com 260 pessoas na sala. Quando eu olhei a sala eu falei: “Nossa, o que é isso? Desceu o morro inteiro!”. Até o comandante se impressionou quando chegou e abriu a porta. Nunca vi uma reunião daquele jeito. Muitas manifestações nas ruas também. Várias manifestações que foram convocadas pelo WhatsApp.

E como você estava com a vida em março, quando chega a pandemia? Como foi o primeiro momento pra você? O que que você pensou no início? Tinha previsão de como ia desenrolar? Como foi sua primeira reação à pandemia?

Então, no começo eu achava que era doença de gringo, de estrangeiros. Como sempre acontecem esses casos fora, eu falei: “Essa doença não vai vir pra cá, não. Estão fazendo o maior alarde com esse negócio de pandemia, que essa doença vai vir pra cá. Coronavírus nada! Isso é coisa de Europa”. Pensei que esse problema não viria pra cá. Mas veio. E quando veio, a primeira coisa que eu pensei foi: “Caramba, e a favela? O que que a gente vai começar a falar no grupo de WhatsApp?”. Já entendi que a gente ia ter que parar o turismo. Porque a favela está olhando pra gente e a gente tem que preservar a favela. Em momento de pandemia, eu vou ficar preocupado com dinheiro? Certamente todo mundo que trabalha no turismo aqui na favela ganha muito mais que a média dos moradores que tá aqui. Passou pelo Sebrae [*Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas*], passou por escola de turismo. Você aprende que tem que se programar pra ficar seis meses, um ano sem trabalhar, em baixa e alta temporada, se der algum problema. Sempre me programei pra seis meses. Então foi uma luta cara, até pra poder parar todo mundo. E então eu comecei a acompanhar as notícias. A doença foi chegando, e foi começando a morrer gente...

Você pode nos contar como surgiu a ideia de começar as ações de sanitização na favela? De onde veio a ideia e como foi a produção da ação?

Eu comecei a ver aqueles caras de caça-fantasmas, né? É como eu sempre falo nas entrevistas. Vi aquela roupa para fazer sanitização e fiquei impressionado. Como eu tenho formação em estética automotiva, eu olhei e, enquanto todo mundo dizia “ah, isso deve ser mirabolante, estão fazendo na China, né?”, eu falei: “Não é mirabolante não!”. Uma reunião de coisas: aquela roupa é de pintura de carro, muitos que fazem pintura de carro usam aquela roupa; as botas a gente tem; então aquela máscara de proteção a gente tem de manifestações — que eu e Tandy, meu irmão, fotografamos manifestações. Por fim, eu pensei: “O que é aquilo que os caras estão andando nas costas?”. Depois entendi que é um equipamento agrícola. Um pessoal da roça, que a gente conhecia, já sabia o nome e nos passaram a informação: “Ih, Thiago, isso aqui a gente usa pra jogar veneno nas plantas”. Eu falei: “Ah! Os caras estão usando isso lá pra pulverizar produto contra a Covid!”.

E aí começou o ponto pior: “Como que eu vou saber que produto é esse que a gente tem que pulverizar? Que que a gente tem que fazer? Como que a gente vai diluir? Quem que vai ensinar a gente a mexer?”. Eu já tinha o conhecimento de um amigo que é da estética automotiva, dono de uma das maiores empresas de estética automotiva, de produtos profissionais pra carro. E aí ele me ajudou a diluir, né? Me ajudou e me passou todo o conhecimento de química, o que eu tinha que procurar pra estudar. Porque mano, até pra tu falar com ele tu tinha que estudar, porque era tanta coisa, tantos dados técnicos que eu não sabia. Eu fui estudando, estudando, estudando com ele... E depois disso deu certo. A gente já tinha o produto e o restante eu sabia. Você sanitizar e higienizar estofado eu já sabia... Que é você fazer uma higienização com ozônio. E aí eu juntei mais isso, de sanitizar orientado pro chão, parede... Cara, foi mole.

Figura 1: Equipe de sanitização durante ação no Santa Marta



E depois desse acúmulo de conhecimento e experiências, como foi até começar as ações de sanitização na favela? O que mais foi necessário antes de começar a agir?

Eu peguei todas essas informações, mas depois bati de frente com outro problema: “Como eu vou conseguir dinheiro?”. As vaquinhas são pra receber depois de 30, 40, 60 dias... Eu pensei: “Até lá, já morreu todo mundo”. A cada dia que você ligava a televisão era 30 mortos, 40 mortos... Eu falei, assustado: “Essa doença vai bater no morro e vai explodir! Porque se na rua as pessoas estão morrendo com plano de saúde, imagina a gente na favela?”. Bateu um desespero e eu comecei a correr. Estabeleci como meta o dia 1º de abril. Estudei o máximo, testei tudo.

Antes de pedir os equipamentos, tivemos que acessar outra rede. Eu pensei: “Tem o Lucas, esse gringo amigo meu que tá sempre aqui comigo no Brasil, o Mess, que já veio aqui, e o Dile, que é um cantor de rap”. Eles já gravaram aqui no morro comigo. O Lucas Secon é meu amigão, vem três, quatro vezes ao ano aqui no Brasil. Fica comigo sempre. Eu falei: “Vou precisar falar com eles, porque até a vaquinha sair, já vai ter morrido metade do morro”. Então eu falei com eles e não deu dez minutos! Os caras mandaram R\$3.500. Daqui a pouco, mais uns R\$ 1.500. E depois: “Thiago, completa então R\$5.000. Pronto!”. Nesse momento eu celebrei: “Agora ninguém segura mais!”. Então a gente correu pra começar logo, e nem pensou que já podia ter entrado com vaquinha também. Pegou os R\$5.000, comprou dois produtos, estudamos mais. E pronto, botamos na rua.

Quando saíram as primeiras matérias, nós explodimos. Para todos os lados. Aqui no meu condomínio, o pessoal ficou até com medo. Era fila! Era a Globo esperando pra entrar ao vivo, depois o SBT, daqui a pouco a Band. Era fila! Eu falei: “O que é toda essa gente? Eu não sou celebridade não!”. Era fila com vários jornalistas esperando no mesmo lugar pra entrar ao vivo. Enfim, dei as entrevistas, e só depois de uns 15 dias que a gente pensou que poderíamos fazer uma vaquinha. Era tanta adrenalina que a gente estava para começar a agir contra a pandemia, que a gente lançou primeiro a ideia e depois lançou a vaquinha.

E a partir dessa repercussão da ação de vocês, começam a se desenvolver também outras redes em torno da sanitização, né? Como ficou o contato com pessoas de outros lugares que também estavam envolvidos com estratégias de combate à pandemia?

Em muitos casos, a gente foi treinando a galera de outras favelas, foi articulando e tentando incentivar que os grupos fizessem vaquinhas pra comprar os equipamentos e fazer na favela de cada um. A gente aprendeu a não ficar misturando água sanitária com bicarbonato de sódio, porque tem gente que mistura as substâncias e fica correndo risco. Tivemos que entender a diluição, aprender a diluir, aprender a higienizar as casas de um modo correto. Já fizeram nas favelas da Providência, Pavão-Pavãozinho, Tabajaras e vai ter também em Jesus de Nazareth, no Espírito Santo. Tem uma comunidade quilombola em uma ilha no Amapá que também dei toda a orientação, expliquei tudo, passei todos os conhecimentos. Tinha

uma favela na Bahia também, que eu dei toda a orientação pro cara, de como fazer lá e ele falou que ia montar um grupo também. Cara, o Brasil inteiro liga, por conta das matérias, pedindo orientação... E eu pergunto de onde é. Porque tem uns fanfarrões de empresas privadas que estão querendo entrar no ramo, e tão querendo me fazer de consulta, sabe? Aí não. Eu falei: “Eu quero saber de onde você é. Da favela? Eu quero comprovação, eu quero não sei o quê, para depois eu passar os conhecimentos”. Porque já me passam com muita dificuldade. E eu vou ficar dando de graça pros outros? Entendeu?

Eu fui dar uma orientação pro pessoal de uma outra favela e o pessoal não gostou muito não. Porque eu critiquei. Eles não gostaram, eles estavam fazendo errado, mexendo no equipamento de uma forma errada, que ia estragar o equipamento. E a Comlurb [*Companhia Municipal de Limpeza Urbana*] estava fazendo com 140ml da substância, mas para matar o coronavírus você só precisava de no mínimo 50ml. Então, se você fizer três vezes a proporção, você pode cegar uma pessoa — só pra termos uma ideia. Se depois de pulverizar você ficar ali com a substância e não lavar o rosto, pode cegar. Queima a pele da pessoa! As pessoas estavam colocando 150ml de um produto que é [*para colocar*] 1ml por litro! Eu falei: “Olha, vocês me chamaram pra dar a orientação e eu digo que vocês estão fazendo errado. Uma coisa é a parceria que vocês têm, e outra coisa é vocês fazerem a sanitização de um modo errado”. Eu estava orientado por um químico, então eu filmei, confirmei com o químico o que eu estava falando e ele me confirmou: “Thiago, tudo que você falou tá certo”.

Figura 2: Reportagem no RJTV, da Rede Globo, sobre interlocução entre Rio de Janeiro e Vitória (G1 ES, 18/07/2020).



Você já nos falou de como estão estruturando a ação, com contatos com a mídia, doações, especialistas e outras lideranças. Você pode contar um pouco sobre como formaram uma equipe de voluntários?

Hoje a gente estava com 12 voluntários... Depois muitos voltaram a trabalhar e nós ficamos com oito. Uns voltaram a trabalhar, e tinha gente também que achava que ia ganhar dinheiro... Até hoje tem gente no morro achando que a gente ganha dinheiro, né? Que estamos recebendo do governo. A equipe tem eu, Tandy, Tainá, Neneca — minha mulher também tá junto, né? Tem a maior galera. O Sérgio, que é da igreja, e sempre ora antes de sair para a ação... A gente sempre ora. Sempre tem esse momento de parar pra pensar, e independente da religião de cada um.

A gente se reúne sempre às quartas-feiras e sábados pra fazer a sanitização. Nosso esquema é sempre chegar no QG às 9h30min da manhã. Tomamos café lá, porque a gente faz um café pro pessoal. Saímos às 10h30min para sanitizar e fazemos o dia inteiro. Passamos a ir mais à tarde na quarta-feira, pra poder aproveitar o Tandy que voltou a trabalhar. Porque como a gente tem oito, e menos o Tandy fica sete. Menos um integrante que dá aula de dança on-line e ficam seis. Então a gente precisa ajustar os horários. Na quarta-feira, as vezes fazemos à tarde, e no sábado fazemos mais cedo, como 7h ou 8h da manhã, porque não tem ninguém nos caminhos. O grande problema é o baixeio — quando as pessoas estão descendo o morro e saindo para trabalhar — e de manhã, às 7h da manhã, não tem ninguém no caminho. Então, a gente sanitiza e vai embora. Acaba rapidinho.

Você conseguiu também negociar muito os preços de produtos, não foi? Como está o aperfeiçoamento da sanitização? Que aprendizados está tendo com essa experiência?

Eu sou mão de vaca! Pesquisei horas antes de comprar qualquer coisa. Até pelo conhecimento acumulado. No começo, a gente estava comprando um galão de 5l que dava para encher dez vezes o equipamento de 14l, e acabava rápido. Hoje eu compro um galão de 130[l], que dá pra encher 100 galões de 14l. Então, com uma garrafinha de 5l, a nossa bomba grande enche 14l, né? Eu boto 50ml dentro da minha bomba. Então, com cento e pouquinho eu faço 100 aplicações. Dá duas, três ações. Com a outra, eu tinha que andar com cinco galões pra fazer 50 aplicações. E cada galão custava R\$85. Imagina o gasto? Eu gastava R\$400, quase R\$500 em cada dia de ação. Hoje eu gasto R\$50 em cada dia de ação, só com produto químico. Tudo pelo conhecimento foi diminuindo, até o impacto do produto. Quando a gente vai sanitizar é aquela conversa: “Fica em casa. Não dá pra ficar no caminho”. Até o morador já sabe e se afasta. Cachorro mete o pé. Barata sai voado tudo. O pigarro, o cheiro que dá, é horrível. Não é um cheiro, mas quando a partícula bate na garganta você já tosse na hora. Então foi um processo longo até a gente chegar hoje com um alto nível de conhecimento, de produtos, de equipamentos. Agora a gente... Chegou um equipamento pra gente que sanitiza dentro de casa, um equipamento que solta micropartículas, igual a um aerossol de spray. Você espirra e a parede seca. Agora a gente consegue fazer com um equipamento que coloca água nesse nível de aerossol. A gente consegue sanitizar e a gente tá querendo mapear ainda as pessoas que estão com algum sintoma de Covid, pra gente poder sanitizar as casas que estão em situações críticas.

A sanitização é muito nova. Até neste momento, tem muitas empresas que estão se adaptando. Eu falo pra vocês que a gente vai conversar com representantes de empresas. Tem dedetizadores que não têm o grau de conhecimento que a gente tem pra falar de sanitização e pulverização contra a Covid. Qual produto usar? Qual a forma correta de sanitizar? O cara não tem. Sempre perguntam: “Nossa! Quem passou isso pra vocês?”. Eu digo que é segredo. Entendeu? Então é isso, a gente tá sempre buscando conhecimento. Tentando se especializar cada vez mais. Eu fiz curso, vários on-line, vários. É associar o conhecimento com a prática do dia a dia.

Figura 3: Jovem observando a ação de sanitização.



Vocês também estão fazendo um trabalho de coleta e levantamento de dados sobre a Covid na favela? Como acontece essa ação?

São vocês, né? Brincadeira. Mas são os contatos que a gente teve e têm. Com vocês, pelo turismo, com pesquisas na favela e tudo isso. Nós sabemos que trabalho braçal não é valorizado no Brasil. Então é assim: “Vamos sanitizar”. Beleza, mas e quando acabar a sanitização? Por exemplo, acabou o trabalho de sanitização e eu falei com uma repórter hoje. Beleza, foi um trabalho excelente... E aí? A gente tem que ter alguma informação a mais. Captar mais coisas. Porque a gente vai terminar um trabalho enorme sem ter nada. Então a gente começou a fazer as pesquisas. Pedi ajuda a vocês, que vocês que estão mais próximos da gente. Tanto que a gente fez o grupo Santa Marta Alerta e botou vocês. Então vocês ajudaram a elaborar os questionários. A gente fez convites e usou o grupo do WhatsApp como divulgação pro pessoal responder os questionários. A gente quer botar essa pesquisa como se fosse um livro, ou como se fosse uma revista.

É bom ter reconhecimento, né? Vamos imaginar que a ação vai até o final de 2020. Eu fico imaginando, se a gente tem que ir até o final do ano, e depois em grupo a gente decide que vamos encerrar a ação. Eu quero chegar no final do ano e, se puder, óbvio, com segurança, ter um *coffee break* com a equipe, um eventinho legal, que a gente consiga uns 500 reais. Fazer um evento como um painel

com as várias matérias e tudo o que foi transmitido sobre nós. Tudo que saiu de matéria da gente, no mundo inteiro. De repente uma exposição de fotos, de repente um painel com os dados, né? Poderia ter um livro ou uma revista. De repente fazer umas 100 edições... Que seja xerox plastificada, que seja aquela xerox de tubinho. Isso é um livro, entendeu? Que sejam 100 xerox com rolinho e a capinha de plástico, não interessa... Tá vivo! Eu posso convidar 100 pessoas e fazer um evento legal de lançamento, colocar as melhores fotos dos fotógrafos. Seria bom a gente apresentar os dados que captou. Chamar algumas autoridades para dar entrevistas, né? Para poder denunciar que a grande problemática que a gente passou durante a Covid foi falta de água no morro. Tudo que está na pesquisa e mais elaborado.

Tem as pesquisas da Fiocruz que eu quero juntar com os dados sobre a qualidade da água das duas minas do morro. E reunir todas as informações: quantos litros de água a gente usou até hoje? Quantos equipamentos? Prestação de contas mesmo, dizendo que usamos tanto isso, tanto aquilo, e teve tantos almoços, tanto não sei o quê. Fazer um breve histórico de tudo, contar também um pouquinho da história de cada voluntário. Um pouquinho de cada um pra ficar o rostinho. Um mapa de todo mundo que passou pela ação. Os lugares no Rio de Janeiro que a gente foi ajudar a sanitizar, foi ajudar a treinar o pessoal. Agora vamos para Vitória, fomos para o Leme, Pavão-Pavãozinho etc.

É muita coisa que a gente tem já feito, mas que não tá anotado. E você imagina? A gente acaba a ação e o que que sobrou? Nada. Um trabalho enorme, mas não tem registro. Então, tem que ter um trabalho de pesquisa, de organização do que a gente está fazendo, pra ficar pro resto da vida. Interessa para quem for pesquisar a favela, ou pesquisar o nosso trabalho, ou pra guardar de lembrança, sei lá. Se não restar nada, pelo menos a lembrança fica, né?

Pode contar um pouco mais sobre a produção de dados da Covid-19 na favela? Qual é a importância de produzir esses dados sobre os impactos da pandemia na favela agora?

Cobrar! Poder projetar isso na mídia. Poder projetar uma pesquisa e dizer: “Olha, essa pesquisa foi feita com 1000 moradores e colocamos na Globo”. Igual a Cufa [*Central Única das Favelas*] faz, projetando dados. A gente também tem que projetar. Porque é com aquilo ali que a gente vai poder esfregar na cara das autoridades: “É absurdo que na época da pandemia estava faltando água no morro”. Tem a problemática da falta de água, a problemática da questão de saúde, a problemática que causa o saneamento básico — porque o esgoto que desce na ladeira do pé da escada, quando chove, o pé da escada fica cheio de lixo, e as fezes de quem tá contaminado vai junto, nesse lixo. E foram encontrados vários vestígios de que podemos encontrar Covid no lixo. Dizem que é um grau que não chega a contaminar, mas não tem nada certo, né? Dizem que é uma porcentagem que não dá pra contaminar, mas também que não é certo. Imagina na favela? A Uerj vai vir com essa medição da qualidade do ar. Esse ar fica em contato com o esgoto, né? Em cascata o esgoto vai produzindo partículas de ar. Até que ponto aquela partícula também não é ruim pro morador? Que tipo de doença consegue subir com aquela evaporação do esgoto? Podemos também cobrar que tampem os bueiros do morro. Então, a gente começa a cobrar...

Esse é o caso da iniciativa CoronaTrack, não é? Como que você chegou nisso? Como foi o contato com os pesquisadores da Uerj? Você que achou? Você que os procurou ou eles procuraram você? Como foi formada essa nova parceria?

Isso! Eles vão captar a água de vários pontos da favela, vão captar o ar que sai das valas. Principalmente as que tem cascatas de esgoto muito altas, pra captar aquela partícula que tá saindo ali. Como tá a qualidade de ar nos becos? Qual é o risco pros moradores? Porque já sabemos que essas partículas de esgoto ficam três horas no ar.

Como fizemos a parceria? Saiu matéria sobre eles e eu falei: “Eu vou caçar esse povo nem que seja no inferno!”. E o que que eu fiz? Contatei o pessoal da imprensa. Coloquei lá na lista de transmissão que eu tenho com jornalistas no WhatsApp: “Gente, preciso encontrar o pessoal da Uerj que fez a matéria no RJTV. Quem fez matéria com eles poderia me passar o contato?”. E não deu cinco minutos! Recebi uma mensagem: “Thiago, eu que fiz a matéria com eles, estou te enviando o telefone agora”. Depois eu já fui caçando o contato, já liguei e falei: “Oi, sou o Thiago Firmino da favela Santa Marta”. Mande mensagem pelo WhatsApp mesmo e ele adorou a ideia. Gostou pela repercussão e pelo trabalho que a gente faz aqui, que combina muito com o que eles fazem. Nós matamos o Covid, eles pesquisam o Covid. Encaixou.

O aparelho deles custa R\$ 200. É o custo para produzir aquele aparelho que fica pendurado no pescoço, para que você possa captar a qualidade do ar. Eu fiquei até interessado, dependendo do que for, em comprar um aparelho desses pra começar a medir sempre e ir mandando tipo um papelzinho pra um laboratório pra ver o que que a gente consegue captar na favela. Enfim, vamos ver.

Figura 4: Equipe do CoronaTrack na favela Santa Marta.



Vocês criaram um tipo de ação muito diferenciada no combate à pandemia, mas ao mesmo tempo que no Santa Marta também tem outras ações, né? Como doações de alimentos, de máscaras, de produtos de limpeza. Como é essa articulação entre vocês e outros grupos de dentro e de fora da favela?

Então, com os grupos de dentro foi bem organizado. Quando estourou o Covid, todo mundo começou a procurar as lideranças nas favelas e quem tem projetos sociais no morro. No meu caso, como eu já estava focado na sanitização, eu entendi que não precisava repetir a mesma coisa. Aqui no Santa Marta aconteceu isso: a Associação de Moradores está distribuindo alimentos, uma ONG e um outro projeto estão distribuindo alimentos e um outro projeto, de fora também, está distribuindo. O Grupo Eco está agindo. No fim, acaba que ninguém se une na causa pra fazer uma coisa só. Fica todo mundo entregando pra todo mundo e depois embaralha tudo. Eu falei: “Não vou me envolver”. Chegaram algumas doações pra mim e eu distribuí para algumas pessoas que eu via que estavam numa situação extrema. Eu cheguei a entregar pra essas famílias que estavam em situação crítica... E depois eu falei: “Não, gente, eu vou focar na sanitização. Não quero ninguém me procurando porque preciso me dedicar”. Então eu pedi para que tudo que fosse referente a sanitização, como produto químico e etc., me entregassem para que a gente pudesse contribuir, ou ensinar a mexer, ou fazer ação. Por outro lado, eu não quis ficar com a distribuição de alimentos, porque acho que quem tem que focar é o Zé Mário. Ele é o presidente da Associação de Moradores. Ele pode fazer esse papel na comunidade.

Então, houve contatos de doação de alimentos que vieram por mim e eu indiquei pra ele. Vieram por mim e eu distribuí pra ele. Depois tiveram outros que vieram para ele, que eram doações de produtos químicos, e ele jogou pra gente. Desse jeito eu fiquei focado só na parte de limpeza. Então a gente ficou realmente focado em estudar, pesquisar e sanitizar, que é um trabalho pesadíssimo! Entendeu?

E assim foi também com os contatos de fora. Eu meio que foquei nisso, e também tiveram os contatos de fora que eu já tinha, que são meus amigos em outras favelas e que sabem o que eu articulo. Eu recebia mensagens dizendo: “Thiago, busca aqui um produto que eu sei que tu tá sanitizando”. Então eu fui e busquei de carro. Uma vez busquei os produtos e veio até Red Bull, que não era pra vir [*risos*]. Enfim, é coisa nossa, né? Distribuímos, ensinamos moradores a fazer diluição... Distribuímos bastante Pinho Sol também. As empresas mandavam pro Complexo do Alemão e eles articularam e distribuíram pra algumas favelas. Foram chamando, pouco a pouco. Uma vez a gente ganhou Havaianas e distribuiu. Nesse caso, a gente não tinha como dar chinelo pro morro todo. Então a gente foi dando para moradores que sempre davam água pra gente, sempre davam um lanche, sempre davam um apoio pra gente e ajudavam, entendeu? Algumas pessoas já deixavam até balde com água na porta. Ajudavam muito. O que a gente tinha de doação que era mais simples a gente foi dando pros moradores mais participativos nessa ação do Covid, né? Foi assim. Fomos usando os contatos como a gente usa normalmente, mas agora pra pedir ajuda nesses momentos de pandemia.

O que você espera para o futuro da favela pós-pandemia? O que você acha que vai ficar de aprendizado desse período?

O que eu acho que vai ficar de aprendizado é que se a gente da favela era um pouco mais solidário, agora a gente teve que ser mais ainda! Eu acho que foi um momento de a gente deixar o ego de lado. Apesar de que eu ainda tenho críticas pela falta de solidariedade de algumas igrejas que não participaram de nada na favela e ainda voltaram a fazer os cultos... Estão fazendo até hoje e não pararam mesmo com a pandemia. Só um pastor que parou. Mas o que ficou de lição? É que essa coisa de marca, do comércio, de tênis, shopping, que no geral a gente da favela tinha, a gente viu que a gente não precisava de nada disso! A gente não precisava de nada. A gente ficou quatro meses usando as mesmas roupas, né? Ninguém morreu por isso. Ficou o dia inteiro em casa. Pra gente pensar também nos animais. E pensar nos animais também que já vivem trancados em quarentena o tempo inteiro. Porque algumas pessoas têm cachorro pra deixar em casa! Então foi legal a galera pensar um pouco nos animais também. Pensar um pouco nessa questão do consumo dentro da favela. De um poder cuidar do outro, dos moradores, dos animais. De ter que ficar em casa não só por ele próprio, mas pelos outros também.

Eu não sei como que vai ser o futuro no trabalho, eu sei que a gente vai ter que se moldar com essa questão do turismo. Vai ter que ser completamente diferente. É tudo muito novo, né? Até buscar os turistas no hotel, a experiência deles para almoçar na favela... Não tem como saber, mas eu me preocupo muito. A favela já tinha a questão de tiroteios, a questão de saneamento básico, a falta de água. As vezes os turistas sentiam nojo porque sentiam o cheiro de vala de esgoto nos caminhos. Agora vem a questão de aglomerações serem perigosas dentro da favela, um lugar que já é um aglomerado. Não sei até que ponto vai prejudicar muito quem faz esse tipo de trabalho com o turismo ou se a gente vai conseguir dar a volta por cima e de repente ser até melhor do que era antes. Só que não vai voltar a como era antes. A questão de alimentação, a questão de apertar a mão, a questão de afetividade, de estar próximo... E a gente da favela ganha muito nisso, né? De ser um povo receptivo, de abraçar a todos, de ir pro bar, de dançar até o chão e ficar doidão. O nosso ambiente é diferente da cidade. É diferente e é outra coisa. Então a gente chega em uma situação que não pode encostar, que não pode não sei o quê... Acabou o amor nos bailes funk! Ninguém pode nem se pegar mais.

E cuidar do mental. Eu estou com uma psicóloga ativista gratuita. Ela está me acompanhando uma vez por semana. Mas é só pra quem tá na linha de frente. E quem não tá na linha de frente? Como fica o morador que está em casa enclausurado e não tem o que comer? E tá desesperado? Quem perdeu o marido e tá em quarentena? E quem não tem internet? Uma menina morreu agora e o laudo dela diz “causa indeterminada”. Nossa! Como é que entubou a pessoa em um hospital de campanha da Covid e deu causa indeterminada no certificado de óbito? Entendeu? A gente tá querendo fazer esses levantamentos também. Tirar fotos dos laudos e conversar sobre todo mundo que morreu, independente do que for. A gente tá querendo fazer uma pesquisa em campo sobre o início da pandemia até agora. Morreu um monte de gente de infarto e com laudo de que não sabem o que que é. Eu estou querendo um espaço que seja interativo para falar e conversar, para elevar o astral na comunidade. Um sonho, né? Tem que ter patrocínio, então, temos que correr atrás.

Notas

¹ O autor agradece à Fapesp pelo fomento de pesquisa – processo nº 2020/00670-0, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

² Disponível (on-line) em: [https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Grupo_ECO_\(Santa_Marta\)](https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Grupo_ECO_(Santa_Marta))

³ Disponível (on-line) em: https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Mortalidade_por_COVID-19_no_Santa_Marta

⁴ Disponível (on-line) em: https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Folia_de_Reis_-_Os_Penitentes_do_Santa_Marta

⁵ Disponível (on-line) em: https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Sanitiza%C3%A7%C3%A3o_do_Santa_Marta

⁶ Disponível (on-line) em: https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Painel_Covid-19_Santa_Marta

⁷ Disponível (on-line) em: https://wikifavelas.com.br/index.php?title=CoronaTrack_no_Santa_Marta

Referências

- FLEURY, Sônia; MENEZES, Palloma. Pandemia nas favelas: Entre carências e potências (no prelo).
- GRUPO DE PESQUISA CIDADE E TRABALHO. “(Micro)políticas da vida em tempos de urgência”. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Reflexões da Pandemia (seção excepcional), 2020. Disponível (on-line) em: <https://www.reflexpandemia.org/texto-59>
- LEEDS, Anthony; LEEDS, Elizabeth. **A sociologia do Brasil urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- LEITE, Márcia. “Biopolítica da precariedade em tempos de pandemia”. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Reflexões da Pandemia (seção excepcional), 2020. Disponível (on-line) em: <https://www.reflexpandemia.org/texto-23>
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. “A política na favela”. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, vol. 4, nº 4, pp. 699-716, 2011[1967].
- MANO, Apoena Dias. **Dispositivos de mobilidade: Estética, precariedade e legibilidade no marco de dez anos da “favela modelo”**. Dissertação (mestrado), PPCIS, Uerj, 2020.
- URRY, John. “Social Networks, Mobile Lives and Social Inequalities”. **Journal of Transport Geography**, vol. 21, pp. 24-30, 2012.

Fontes da imprensa

- G1 ES. “Bairro Jesus de Nazareth, em Vitória, recebe ajuda de cariocas no combate ao coronavírus: Moradores da comunidade de Santa Marta, do Rio de Janeiro, que iniciaram o projeto de higienização da favela, vieram ao ES para trocar experiências e ajudar no trabalho”. **G1 ES**, 18 de julho de 2020. Disponível (on-line) em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2020/07/18/comunidade-de-jesus-de-nazareth-em-vitoria-recebem-ajuda-de-cariocas-no-combate-ao-coronavirus.ghtml>

PALLOMA VALLE MENEZES (pallomamenezes@gmail.com) é professora-adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (UFF, Campos dos Goytacazes, Brasil). É doutora pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (Iesp) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj, Rio de Janeiro, Brasil) e pelo Department of Social and Cultural Anthropology da Vrije Universiteit Amsterdam (Holanda), mestre em sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj, Rio de Janeiro, Brasil) e graduada em Ciências Sociais pela Uerj. É pesquisadora do Dicionário de Favelas Marielle Franco da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

APOENA DIAS MANO (apoenamano@usp.br) é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, Brasil). Tem mestrado em Ciências Sociais e especialização em Sociologia Urbana pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj, Rio de Janeiro, Brasil) e graduação em Turismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF, Niterói, Brasil).